

Victor Finkler Lachowski

Doutorando em
Comunicação pelo
(PPGCOM-UFPR); Mestre
em Comunicação
(PPGCOM-UFPR);
Bacharel em Publicidade
Propaganda (UFPR).
Membro do grupo de
pesquisa NEFICS - Núcleo
de Estudos de Ficção
Seriada e
Audiovisualidades
(UFPR/PPGCOM-
UFPR/CNPq). Sócio da
Sociedade Brasileira de
Estudos de Cinema e
Audiovisual (SOCINE).
Bolsista CAPES-DS.
Escritor, Roteirista e
Redator. Apresentador do
Massacre Podcast,
dedicado a cultura de
horror.

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM HORKHEIMER: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE MARX & ENGELS

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma investigação bibliográfica de obras de Karl Marx, Friedrich Engels e Max Horkheimer e autores que abordaram as temáticas desses três para explicar certos aspectos do desenvolvimento da Teoria Crítica do frankfurtiano enquanto abordagem teórica materialista histórico-dialética. Para isso, são explicados os conceitos de *materialismo histórico-dialético*, *dialética*, *luta de classes*, *totalidade/estrutura*, *modo de produção e ideologia* no pensamento de Marx e Engels e como Horkheimer interpretou e reinterpretou ambos para sua contemporaneidade e necessidades sociofilosóficas. A partir disso, a seção seguinte inicia com uma complementação sobre a interpretação de Horkheimer do conceito de *ideologia* no pós-Segunda Guerra (anos 1950), no qual a função transcendental da ideologia é substituída por um realismo naturalizante. Com essas considerações, apontam-se as reflexões e observações dos três autores sobre a formação da cultura na constituição material e histórica da sociedade, bem como os conflitos e contradições nas quais as produções culturais estão inseridas numa sociedade de classes do modo de produção capitalista em seu estágio tardio e com a consolidação da Indústria Cultural. Os produtos culturais de consumo massivo (cinema, revistas, jornais ilustrados, rádio, televisão) e a propaganda (enquanto elixir da vida da Indústria Cultural) são debatidos pelo viés crítico com as contribuições de Adorno, revelando ideias de Horkheimer presente em *Dialética do Esclarecimento* que já haviam sido publicadas anteriormente. Assim, desponha um cenário para discutir a relevância dos pensadores ao observarem sobretudo a ideologia a comunicação, mais especificamente os meios de comunicação e seus produtos, dentro das dinâmicas ideológicas e disputas de classe da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Materialismo Histórico-Dialético; Cultura; Comunicação; Horkheimer.

CULTURE AND COMMUNICATION IN HORKHEIMER: APPROXIMATIONS AND DISTANCES OF MARX & ENGELS

ABSTRACT

This research carries out a bibliographical investigation of works by Karl Marx, Friedrich Engels and Max Horkheimer and authors who addressed the themes of these three to explain certain aspects of the development of the Frankfurtian Critical Theory as a historical-dialectical materialist theoretical approach. To this end, the concepts of historical-dialectical materialism, dialectics, class struggle, totality/structure, mode of production and ideology in the thought of Marx and Engels are explained and how Horkheimer interpreted and reinterpreted both for his contemporaneity and sociophilosophical needs. From this, the following section begins with a complement on Horkheimer's interpretation of the concept of ideology in the post-Second World War period (1950s), in which the transcendental function of ideology is replaced by a naturalizing realism. These considerations highlight the reflections and observations of the three authors on the formation of culture in the material and historical constitution of society, as well as the conflicts and contradictions in which cultural productions are inserted in a class society of the capitalist mode of production in its late stage and with the consolidation of the Cultural Industry. Cultural products of mass consumption (cinema, magazines, illustrated newspapers, radio, television) and advertising (as the elixir of life of the Cultural Industry) are debated from a critical perspective with the contributions of Adorno, revealing ideas of Horkheimer present in *Dialectic of Enlightenment* that had already been published previously. Thus, a scenario emerges to discuss the relevance of thinkers when observing above all the ideology of communication, more specifically the media and their products, within the ideological dynamics and class disputes of capitalist society.

Keywords: Critical Theory; Historical-Dialectical Materialism; Culture; Communication; Horkheimer.

Este artigo passou por
avaliação por pares cega e
software anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

INTRODUÇÃO

A *Teoria Crítica* de Max Horkheimer por vezes é erroneamente resumida a um mero marxismo heterodoxo. Dessa maneira, este artigo busca vincular o pensar Marxiano/Engelsiano com o Horkheimeriano para compreendermos o espaço de sua abordagem teórica crítica enquanto contribuição *do* e *para* o marxismo, direcionando tais achados para os estudos em comunicação, mais especificamente nas manifestações e produções culturais dentro do capitalismo tardio.

Com esses objetivos, esta pesquisa analisa parte da produção bibliográfica de Max Horkheimer, figura importante na constituição da Teoria Crítica e um dos primeiros diretores do Instituto de Pesquisa Social, popularmente conhecido como “Escola de Frankfurt”, para colocá-lo em diálogo, comparativo e complementar, aos autores base da constituição do materialismo em sua forma histórica e dialética: Karl Marx e Friedrich Engels.

Assim, a Teoria Crítica Frankfortiana é aqui tomada não como um desenvolvimento teórico específico, mas um fazer teórico de orientação e confusão para a chamada Escola de Frankfurt, concentrando-se no fazer teórico operacionalizado nas perspectivas de Max Horkheimer.

TEORIA CRÍTICA E O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Susan Buck-Morss, em *“The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, And The Frankfurt Institute”*, aponta a Teoria Crítica Frankfortiana, em sua perspectiva, não como uma filosofia totalmente articulada que os membros do Instituto aplicaram de forma idêntica. Sendo muito mais um conjunto de suposições compartilhadas entre eles e distinguiam sua abordagem da teoria burguesa ou “tradicional”, a metodologia de membros individuais podia variar e variou. Com isso, o termo refere-se geralmente à orientação teórica do Instituto durante os trinta e poucos anos de direção de Max Horkheimer.

Para apresentar de maneira didática a denominada *Teoria Crítica* de Horkheimer, enquanto uma abordagem teórica materialista histórico-dialética, é essencial

relembrar os vínculos que essas possuem em seus objetivos enquanto formas de investigação empírica da realidade material. O materialismo dialético, como explica Friedrich Engels em *“Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”*, começa na libertação realizada por Hegel da concepção da história, incrementando a dialética como ferramenta reflexiva. A interpretação idealista da história, com Marx, é “substituída por uma concepção materialista da história, com o que se abria o caminho para explicar a consciência do homem por sua existência, e não esta por sua consciência, que era até então o tradicional” (p. 51).

Em sua coletânea *“Teoria Crítica: uma documentação - Tomo I”*, Horkheimer demonstra como seu pensar remete às mesmas críticas à metafísica, idealismo e materialismos tidos como insuficientes para uma análise da realidade. Porém, ele também considerou o racionalismo, o irracionalismo e o cartesianismo em sua crítica, ao demonstrar como “tanto os cartesianos quanto os empiristas concediam que o ato de pensar podia significar a expressão da atitude de camadas burguesas esclarecidas que desejavam manter todas as questões vitais sob seu próprio controle” (p. 97).

O projeto da Teoria Crítica, vista em sua amplitude, implica nesse lançar-se sobre a interdisciplinaridade crítica por, explica Bassani, pretender ser uma teoria geral da sociedade que também busca a compreensão do material, apontando crises sociais e transições históricas. Para isso, Horkheimer propõe um materialismo histórico-dialético com imanência de postura, dinamismo e flexibilidade para contornar e criticar outras abordagens, uma prática que evita dogmatismos, e assim ser uma abordagem

que incorpora as contribuições das demais tradições teóricas com o intento de tornar-se mais complexa e abrangente, isto é, utilizar-se de todas as ferramentas para conhecer a realidade social de forma mais profunda e, de mesma monta, realizar o mesmo para superar as injustiças sociais. Por isso, o materialismo de Horkheimer é um projeto aberto (Bassani, 2014, p. 88).

Na postura crítica, o teórico é concebido como parte da realidade social, apontando os obstáculos e as possibilidades para emancipação presentes de maneira

imane na realidade social material e revelados pela crítica imanente em sua materialidade.

O materialismo, como nos lembram Engels em “*O Fim da Filosofia Clássica Alemã*” e Marx em “*A Ideologia Alemã*”, parte da argumentação que a matéria não é um produto do *Espírito (Geist)*, ou seja, da consciência, mas sim que o Espírito é produto da matéria. Ao considerarmos a sociedade humana nessa lógica, com a coletividade social tendo sua história de desenvolvimento, bem como a ciência, a partir de uma perspectiva materialista, podemos compreender como as ideias das ciências e filosofias são concebidas e reconstruir sua trajetória.

Em seu ensaio “*Teoria Tradicional e Teoria Crítica*”, Horkheimer ressalta a concepção materialista como possibilita para estudar a consciência humana, suas teorias, métodos e ideias, a partir de como a sociedade é fundamentada pelo trabalho social. Os caracteres de classes são impressos em todos os aspectos do existir humano — inclusive na teoria —, dado que o conhecimento não é compreendido como processo autônomo, mas como resultado da dialética das dinâmicas sociais, além de estar igualmente inserido em seus conflitos.

A dialética materialista, na filosofia marxiana e engelsiana, constitui uma ferramenta para conceber a realidade social humana como formada por contradições e conflitos, em constante movimento e transformação. Inspirado por tal abordagem, Horkheimer também se volta para a *mediação* na centralidade de seu pensamento a respeito da dialética, uma vez que ela tornaria possível compreender o estado de perpétuo *Aufhebung* de uma faceta social investigada, nunca considerando-a final, completa, mas em seu eterno *devenir* (Jay, 2008). Essa dialética relativiza as diferentes definições isoladas entre sujeito e objeto, de modo a resignificá-la, com a análise revelando as contradições entre essas percepções e o conceito objeto em si (Bassani, 2014).

A Teoria Crítica atua como uma teoria de mudança social e como teoria do conflito social através da dialética, uma vez que as análises realizadas pela crítica

imane revelam como as cisões e conflitos da realidade social são resultados dessas próprias condições e conflitos em que a materialidade da realidade social se encontra, cujo motor da mudança histórica de tais situações é a ação social que o indivíduo pratica com referência nas lutas sociais (Bassani, 2014).

Como elucida Neto, em “*O esclarecimento tardio*”, aos olhos de Horkheimer, o procedimento metodológico de Marx, aplicado à economia política, é orientado por um sentido materialista e dialético. Horkheimer aprimora essa abordagem através de uma articulação dialética entre entendimento, razão, ciências sociais e filosofia. Podemos averiguar a influência que o materialismo marxista, em sua forma histórica e dialética, possui ao partir da tese que

a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz o pelo modo de trocar os seus produtos (Engels, 1999, p. 54).

Como conclui Marx, em “*Contribuição à Crítica da Economia Política*”,

A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida condiciona o processo de vida social, política e intelectual (2008, p. 47).

Seguindo essa estruturação materialista, Horkheimer, em “*Teoria Crítica*”, entende que transformações sociais, guerras, revoluções, inovações científicas, teorias, episteme e todas as outras características da existência coletiva humana, não são frutos das ideias, mas sim das transformações operadas no modo de produção e de troca. Essas decorrências transformadoras da *infraestrutura* da sociedade alteram as condições culturais e a realidade social, fundamentando as estruturas das bases materiais, sendo assim observáveis pelo materialismo histórico-dialético.

O modo de produção, em boa parte do mundo na modernidade, é o centrado no capital, com a divisão de classes entre *burguesia* e *proletariado* determinando as relações de produção e as futuras transformações do capitalismo. Horkheimer, em “*Filosofia e Teoria Crítica*”, reivindica essa pontuação para deixar claro que a existência da sociedade se baseia nessa oposição direta entre dominantes e dominados e que o modo de produção capitalista — ou modo burguês de economia — é aquele no qual as atividades da sociedade são cegas e concretas, enquanto as atividades do indivíduo são abstratas e conscientes.

A *teoria crítica da sociedade*, segundo Horkheimer, tem como objeto os humanos enquanto produtores de todas as suas formas históricas de vida. Elementos como a divisão social do trabalho, as relações de produção, a exploração do trabalho e as ciências — que até então não inseriam as relações de poder e dominação nas classes atuantes da sociedade —, são incluídos na investigação teórica crítica, que utiliza a dialética para evidenciar as contradições entre conceitos predeterminados e a práxis social.

A divisão de classes será assim a contradição base para o materialismo histórico-dialético e para a Teoria Crítica. Contudo, Horkheimer adere a uma perspectiva de emancipação da “humanidade”, humanista, um englobamento mais generalista, ao invés de se concentrar nas questões de classe propriamente (loais nos meios e relações de produção - como fizeram Marx e Engels).

Na leitura de classes de Marx e Engels, a luta que surge das relações de produção e de troca de uma determinada época e local determinam assim qual será a luta de classes de um período histórico. Essa separação, que resulta na posse de boa parte da propriedade e recursos disponíveis nas mãos da classe dominante, gera a superestrutura integrada pelas instituições jurídicas e políticas, bem como pela “ideologia religiosa, filosófica, etc., de cada período histórico” (Engels, 1999, p. 50-51). Como explicado no conhecido trecho do “*Manifesto Comunista*”:

[...] em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta (Marx; Engels, 2005, p. 40).

Com economia e política sendo intrinsecamente conectados na materialidade humana e sua divisão de classes, Karl Marx, em sua *“Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”*, estipula que as funções e atividades do *Estado* estão atreladas aos modos de existência e de atividade das qualidades sociais do homem. A soberania, neste texto centrada na figura do monarca, acima de tudo e todos, faz o que deseja em relação aos homens comuns. Com o uso da terminologia derivada de Hegel, Marx considera a classe *de si e para si* como uma configuração de validade dos interesses específicos da classe dominante.

Horkheimer, em *“Sobre a sociologia das relações de classe”*, remete a essa lógica argumentativa ao apontar como, para a teoria materialista, o poder social é fundado no monopólio dos meios de produção. Tal propriedade jurídica é expressa de maneira ideológica no fato de uma minoria ocupar uma posição que assegura a exclusão do restante da sociedade do “uso livre da terra e de outros instrumentos necessários à manutenção da vida social em alguma escala” (2021, p. 141).

Quando Marx e Engels denunciam no *“Manifesto Comunista”* como os interesses desenvolvidos na sociedade moderna são os da burguesia, que busca “revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto as relações sociais todas” (p. 43); obtemos os resultados das transformações sociais causadas pela burguesia: a centralização da população e dos meios de produção em grandes metrópoles, bem como a concentração da propriedade em poucos indivíduos; em suma, a massificação da sociedade.

Essa dominação baseada na profunda alteração do corpo social depende da estrutura social e vice-versa, por isso Horkheimer, em *“As Origens da Filosofia Burguesa na História”*, considera que todas as relações humanas estão baseadas em transformação e, conforme as condições humanas mudam, novas formas de

exploração surgem, também na esfera espiritual, como nos conceitos das ciências, artes, metafísica e religião. O texto de Horkheimer é uma crítica à ideologia ao argumentar que o resultado final dessa é a manutenção da ordem social, bem como de todas as suas formas sociais de injustiça.

Marx denunciava como, no modelo de produção capitalista, a identidade do interesse estatal corresponde ao interesse específico de poucos indivíduos — da burguesia — e o Estado se mostra um meio para atender “um fim privado particular, contraposto aos demais fins privados” (Marx, 2010, p. 67). Justifica-se assim a crítica de Horkheimer não só ao capitalismo, mas como as ciências que investigam as relações humanas ao longo da história.

Como é demonstrado que a organização social não corresponde ao interesse de todos, mas está intrinsecamente ligada ao trabalho humano e as divisões de classe surgidas nas relações de produção, fica nítido que a complexidades das sociedades humanas beneficiam a classe dominante — no caso do capitalismo, a burguesia — em detrimento da classe diretamente produtiva — o proletariado. A burguesia gera assim, como descrevem Friedrich Engels e Karl Kautsky, em *“O Socialismo Jurídico”*, sua própria antípoda. A concepção materialista da história de Marx serve, segundo os autores, para conscientizar a classe trabalhadora de sua posição de explorada, determinada pelas suas condições econômicas de vida dentro dos modos e relações de produção.

Ao criticar as bases da atual sociedade, com foco na economia como centro das demais, a Teoria Crítica “intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora” (Horkheimer, 1980b, 165). Como explica Nogare, em *“O Marxismo é um humanismo?”*, essa concepção de classes versus ou correlata ao humanismo, deriva da noção que autores como Marx consideram humanista a práxis que atribui ao ser humano o valor de fim à sua realização na sociedade e na história. Dessa forma, tudo deve estar subordinado ao homem, individual e socialmente, e ele nunca deve ser tratado como meio ou instrumento para algo ou alguém fora de si.

Nesse sentido, Martin Jay argumenta em *“A imaginação dialética”* como as percepções de Marx e Engels diferem daquela de Horkheimer no que diz respeito à maneira de se emancipar o ser humano. Marx e Engels concebiam a classe trabalhadora como catalisadora da mudança social, enquanto Horkheimer percebe no proletariado tendências conformistas (ideológicas) que necessitam de tensões com a classe intelectual para serem combatidas.

Com isso, entramos em outra categoria importante para o marxismo como um todo: a *ideologia*. Marx e Engels, em *“A Ideologia Alemã”*, definem a ideologia da seguinte maneira: “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (2007, p. 47). A ideologia possui também o objetivo de submeter essas ideias para os que não possuem os meios de produção material e espiritual — a classe dominada. A consciência humana é concebida como “produto social”, consciência sendo um meio sensível em interdependência limitada com os demais indivíduos e coisas fora do indivíduo (2007, p. 35).

Segundo Horkheimer, conceitos abstratos como a metafísica, o idealismo e o racionalismo são aproveitáveis para constituir a imagem de um objeto vivo: a realidade material, uma vez que os conceitos, teorias e pareceres são desenvolvidos “na disputa dos homens entre si e com a natureza” (1990, p. 116-117). Seguindo nessa ordem, Horkheimer declara que a ideologia produz as aparências e intervém implicitamente nos juízos filosóficos da sociedade humana, e devem ser compreendidas como atitudes de “grupos sociais provenientes da realidade social total” (1984, p. 14).

Dessa forma, é constatado que a produção de ideias, assim como a produção material, é configurada pela divisão da sociedade em exploradores e explorados. A *lei da divisão do trabalho* é a “base da divisão da sociedade em classes” (Engels, 1999, p. 83) e se replica em todos os setores produtivos da sociedade, incluindo as ciências e as artes. Como observa Karl Marx em *“O Capital - Crítica da Economia Política”*, o que

caracteriza o domínio da propriedade dos meios e das relações de produção é *mais-valia*, a apropriação do trabalho do proletariado por parte do capitalista, com os fenômenos empíricos derivados desse modo de produção, como a alienação e o fetichismo, se traduzindo como fenômenos ideologicamente direcionados para a abstração do trabalho e a naturalização das relações sociais.

Com essas constatações, Horkheimer em “*Teoria Tradicional e Teoria Crítica*”, considera toda atividade produtiva, inclusive a *espiritual*, como materialmente realizada e que, como toda prática humana, consiste em um trabalho social cujo caráter de classes está impresso, sendo essas mediações resultantes dessa totalidade, com essas interações mediadas entre superestrutura e subestrutura ocorrendo incessante e ininterruptamente.

Para Horkheimer, a partir da análise crítica dos produtos da atividade humana, as contradições da ideologia da classe dominante e da práxis da realidade social são evidenciadas. Aspectos do credo da burguesia, como a troca justa e a livre concorrência, a harmonia dos interesses e o bem comum se manifestam na materialidade da práxis social em seus contrários: a monopolização e a inviabilidade do acesso aos produtos, a dominação da classe trabalhadora e o acúmulo de capital e da propriedade.

Nota-se os pontos de vista da burguesia, expostos através das noções de concorrência e liberdade, que foram essenciais para seu desenvolvimento. A consciência da “exploração recíproca como relação universal de todos os indivíduos uns com os outros, foi, igualmente, um audacioso e nítido progresso, um esclarecimento profanador do atavio político, patriarcal, religioso e benevolente da exploração sob o feudalismo” (Marx; Engels, 2007, p. 396-397). Assim, as teorias da utilidade e da exploração se desenvolvem como clara ideologia em favor do desenvolvimento da burguesia.

A partir da leitura material e histórica da consolidação do capitalismo e da burguesia, as mudanças nas formas de ciência e de saber vigente são questionadas,

pois é compreendido como conceitos estabelecidos podem ser e são ideologizados muitas vezes desde sua gênese. Isso é reiterado por Horkheimer ao afirmar que “o cientista e sua ciência estão atrelados ao aparelho social, suas realizações constituem um momento da autopreservação e da representação contínua do existente, independente daquilo que imaginam a respeito disso” (1980b, p. 123).

Horkheimer, para além de Marx e Engels, utilizou sua Teoria Crítica enquanto não uma ferramenta que oferece um horizonte normativo ou prognose que oriente uma ação. O objeto é a realidade social, compreendê-la e revelar como se dão as relações entre os indivíduos e a sociedade em geral, sobretudo como tais relações são abstraídas e camufladas por ideias que negam os conflitos sociais e as formas sociais de dominação e exploração. Uma teoria de compreensão da história, do presente e dos conflitos com base na mediação realizada pela ideologia.

A Teoria Crítica pode ser de tal maneira compreendida como uma metateoria e metacrítica, no sentido de não ser uma simples continuação do pensamento marxista, mas que irá se incorporar dessa noção essencial de compreender as ideias, teorias, conceitos, como produções advindas de uma realidade histórico-material. Em decorrência disso, a abordagem de Horkheimer, ao mesmo tempo que critica, incorpora outras teorias na elaboração de um modelo mais complexo e abrangente, moldado a partir e agregando-se das críticas realizadas às outras teorias. Nessa sistematização de abordagem, as concepções de: 1) processo histórico de formação, 2) crítica imanente, 3) história, 4) ação e tarefa e 5) verdade e ideologia, são essenciais para compreensão da Teoria Crítica na proposta Horkheiminiana (Bassani, 2014).

Entende-se por *condições materiais da vida* os pressupostos reais nos quais fundamenta-se uma crítica imanente, pressupostos “constatáveis por via puramente empírica”, aos olhos de Marx (2007, p. 87), na qual a realidade conflituosa apresenta tanto sua negação quanto sua afirmação desse conflito entre opostos, com a superação em sua potencialidade estando escondida na realidade social. Assim, essas tarefas de

superação dialética que emergem de maneira imanente do real, do que veio a ser e seu devir, devem determinar o que a Teoria Crítica pretende a si mesma.

A partir da visão da sociedade como totalidade formada por uma base material econômica, que visa sua manutenção como forma de asseguuração da ordem social, suas contradições e injustiças, a Teoria Crítica se opõe a ordem social vigente, de como esta é organizada e como suas atividades e crenças são inseridas nessa ordem.

PRODUÇÃO CULTURAL E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Antes de adentrar nos debates sobre produção cultural e os meios de comunicação em Marx, Engels e Horkheimer, é necessário expor a crítica deste último à alteração do papel da ideologia no contexto de sua obra, para assim discorrer sobre o tema.

Está posto para Horkheimer o colapso da função transcendente da ideologia que alimentou o sentido da crítica à ideologia de Marx/Engels, amparada na diferença entre o que a sociedade realmente era – o mundo do conflito de classes, da exploração capitalista – e aquilo que a ideologia burguesa apresentava – a realização do universal nos princípios abstratos da igualdade e da liberdade. A denúncia da falsidade desses universais, desde o *“Manifesto Comunista”*, funcionava como um trampolim para o futuro socialista - se encarregar de verdadeiramente transformar a realidade.

Contudo Horkheimer observa uma mudança no papel da ideologia nos anos 1950 (pós-Segunda Guerra - início da Guerra Fria). No capítulo sobre Ideologia no livro *“Temas Básicos da Sociologia”*, Adorno e Horkheimer descrevem a ideologia naquele momento histórico como o estado de conscientização e não-conscientização das massas como espírito objetivo. Se a ideologia dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas, a sociedade teria se tornado demasiado transparente, resolvido como uma simples racionalização múltipla de situações de interesse, que encontra em todos os grupos sociais quantas ratificações se quiser. A crítica da ideologia converte-se na naturalização do mundo espiritual.

A ideologia no capitalismo tardio é caracterizada por Horkheimer e Adorno (1973, p. 200-202) pela ausência dessa autonomia e não pela simulação de uma pretensa autonomia. A crise da sociedade burguesa leva a crise do conceito tradicional de ideologia. Se a herança da ideologia for entendida como a totalidade dos produtos que enchem a consciência dos homens, isso se dá através de um conjunto de objetos confeccionados para atrair massas em sua condição de consumidoras

A falsa consciência de hoje, socialmente condicionada, já não é espírito objetivo, nem mesmo no sentido de uma cega e anônima cristalização, com base no processo social; pelo contrário, trata-se de algo cientificamente adaptado à sociedade (Horkheimer, 1973, p. 200).

Sua crítica novamente lista produtos da indústria cultural, como cinema, revistas, jornais ilustrados, rádio, televisão, cujos elementos de composição das suas ideologias não são novos; sendo novidades as suas técnicas de difusão. Esses veículos de conteúdo ideológico de comunicação de massa exercem violência sobre o espírito humano, uma vez que a indústria cultural realiza a produção sintética da identificação com as normas e condições que regem anonimamente essa mesma indústria cultural e na qual as vozes discordantes são censuradas ou adestradas (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 202).

Nessa leitura, conforme os bens culturais elaborados pela indústria cultural forem proporcionalmente ajustados aos humanos, mais estes se convencem de ter encontrados neles o mundo que lhes é próprio; por isso, no contexto dos autores, da ideologia só restava “o reconhecimento do que subsiste, um conjunto de modelos de comportamento adequados à hegemonia das condições vigentes” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 202).

Por isso, no capitalismo tardio, o humano se adapta às condições dadas em nome do realismo e os indivíduos “sentem-se, desde o começo, peças de um jogo e ficam tranquilos” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 203). A ideologia pós crise da sociedade burguesa e dos Estados Nacionais já não garante coisas, apenas atesta que

as coisas são o que são, o pobre axioma de que não podem ser diferentes do que são: “A ideologia já não é um envoltório, mas a própria imagem ameaçadora do mundo. Não só pelas suas interligações com a propaganda, mas também pela sua própria configuração, converte-se em terror” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 203). Assim, a ideologia e a realidade correm uma para a outra, porque a realidade dada, na falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma.

O debate de Marx e Engels sobre o papel dos meios de comunicação e a produção ideológica, devido a seus contextos históricos, é outra. Na coletânea “*Sobre Literatura e Arte*”, os autores abordam a comunicação, e explicam que a união dos trabalhadores é ampliada a cada pequena vitória, mesmo que essa seja transitória. Para os dois expoentes do materialismo histórico-dialético, a grande indústria capitalista cria os meios de comunicação utilizados pelos proletários para promoverem suas lutas locais, transformando-as em uma luta nacional e até mundial, uma *luta de classes*. A comunicação é aqui tratada pela materialidade até mesmo logística das tecnologias dos meios, fornecendo facilidade de contato entre a classe trabalhadora.

Porém, essa é a perspectiva revolucionária e crítica dos meios. Como nos recorda o próprio Engels, em “*O papel da violência na história*”, a classe dominante utiliza todas as formas de violência para se agarrar ao poder, desde as formas mais coercitivas e diretas até as mais implícitas. O monopólio dos meios de comunicação nas mãos da burguesia reflete uma visível forma de regular a produção e o acesso das informações e formas de contato entre a classe proletária. Assim, a concorrência do livre mercado se mostra na realidade a concentração de mais um monopólio em outro setor produtivo da sociedade, setor este responsável pela produção e disseminação ideológica das ideias e interesses da classe burguesa. A solução, na perspectiva revolucionária marxista, é a tomada dos meios de comunicação — que englobam também os setores de transporte por corresponderem à comunicação de troca de produtos —, visando a concentração desses nas mãos de um poder popular no caso de uma tomada do Estado pelas mãos dos trabalhadores.

Theodor Adorno e Max Horkheimer, em “*A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação das Massas*”, dissertam que a suposta liberdade de escolha da ideologia, pela pressão econômica alinhada a esses interesses de classe, revela uma ideologia vinculada ao modo de produção do setor cultural associado aos meios de comunicação de massa. Isto confere inclusive a essa cultura produzida e reproduzida nos meios um ar de semelhança, uma vez que os setores são harmonizados entre si, evidenciado empiricamente nas produções.

Na perspectiva dos autores, com o desenvolvimento do capitalismo e sua era *tardia* sendo sustentada por décadas, a cultura e a comunicação se transformam, porém a centralidade da materialidade dos meios continua a mesma: pertencente em grande parte dos casos à burguesia. A cultura e a comunicação adquirem cada vez mais a falsa identidade do universal e do particular, enquanto sua economia é concentrada de maneira idêntica e a função social deixa de ser uma prioridade mascarada para assumir descaradamente sua função enquanto ideologia.

Novamente, em “*Sobre a sociologia das relações de classe*”, podemos perceber preâmbulos do alinhamento entre o pensamento de Horkheimer e Adorno (em *Dialética do Esclarecimento*) no que posteriormente se tornaria o conceito de *Indústria Cultural*. No texto, Horkheimer expressa seu descontentamento com a engenhosidade da indústria do entretenimento, que em sua visão irá reproduzir cenas monótonas da vida de maneira automatizada, em uma naturalização do marasmo da vida sob o mundo administrado.

Os filmes, o rádio, as biografias populares e romances bradam incessantemente o mesmo ritmo: este é o nosso ponto de encaixe, o trilho para os grandes e os pequenos, essa é a realidade como é, como deve ser e como será. Até mesmo as palavras que poderiam expressar uma esperança por algo diferente dos frutos do sucesso foram absorvidas (Horkheimer, 2021, p. 154).

A linguagem dos meios dentro da lógica industrial do capital torna o pensamento, seus frutos e expressões nas artes e cultura, em ferramentas no aparato de produção da sociedade capitalista monopolista. Essa ideologia tornará a

autoexpressão do indivíduo como idêntica “às suas funções no sistema vigente” (Horkheimer, 2021, p. 154), como explicado anteriormente na visão do teórico crítico sobre ideologia e sua alocação nas classes e atividades.

Indícios da crítica à racionalidade técnico-instrumental são nítidos quando Horkheimer atribui que, no mundo mais maduro (moderno) para realização do pensamento teórico, os traços humanos desaparecem e são dizimados desde a reflexão do pensamento por mecanismos ideológicos que servem aos monopólios da indústria e do trabalho (o Capital). Assim, “as precauções conscientes tomadas pelo rádio, pela imprensa e pelos filmes são apenas um suplemento visível às tendências inconscientes necessárias ao desenvolvimento econômico e social” (Horkheimer, 2021, p. 153), na qual a continuação e manutenção do modelo de produção capitalista parte da dependência do domínio cada vez mais fechado das ideias de seu tempo para atingir ainda mais sua perfeição técnica dos meios, a realidade-ideologizada ou ideologia-realizada e em estado de completa naturalização.

A publicidade é o “elixir da vida” (Adorno; Horkheimer, 2002, p. 39) da indústria cultural, de maneira bem literal, uma vez que a financia. As mercadorias comercializadas se mesclam à mercadoria cultural. A propaganda na Indústria Cultural expressa a transformação e atualização da noção de Marx e Engels de ideologia (as ideias de sua dominação como manifestações do *como as coisas devem/deveriam ser* na perspectiva burguesa), e demonstra o que Horkheimer afirma, o fim da promessa do livre mercado e a concretude dos monopólios, propaganda como a reafirmação do domínio da estrutura social, de se constituírem as relações materiais em uma sociedade pelo viés da classe dominante por um realismo naturalizado.

A perspectiva da Teoria Crítica sobre a Indústria Cultural nos permite conectar os demais setores da sociedade e o afunilamento ideológico desses dentro do modelo de produção capitalista. Os setores produtivos mais poderosos: mineração, agronegócio, agropecuário, petrolífero, tecnológico, serviços, telecomunicações, bancos, etc, são os anunciantes máximos dos meios de comunicação, e o poder de

encomenda publicitária e de tempo de publicidade revelam a empiria do poder econômico e sua relação com a ideologia dos meios. O monopólio da comunicação e da produção cultural se mostra dependente, necessita atender as demandas dos demais setores para ser sustentado, as empresas privadas que produzem informação, entretenimento e cultura estão assim indissociavelmente conectadas com os setores que as sustentam (Adorno; Horkheimer, 2002).

Com a publicidade, seja direta ou indireta, as verdadeiras vozes da indústria cultural são reveladas. As formas publicitárias e seus discursos estereotipados garantem a dominação pela segurança, pelo idealismo e determina os impulsos humanos, enquanto as massas consumidoras ficam alienadas de sua realidade e se identificam com os discursos meritocráticos, liberais e burgueses da mídia, na relação dialética entre classes, a classe-média reina na ideologia da indústria cultural por ser inacessível ao grande público mas ainda próximo o bastante (Adorno; Horkheimer, 2002). Assim é formado o cidadão idealizado pela indústria cultural, enquanto o pobre segue a normativa liberal de ser retratado como preguiçoso, um fardo para a sociedade, não produz e nem provê. O indivíduo desejado pela classe burguesa é aquele refém que será cooptado forçosamente e alienadamente para a manutenção da estrutura que o rodeia de maneira massificada.

Com a mesmice sendo reguladora da relação da produção cultural com seu próprio passado, a dialética da cultura de massa frente ao liberalismo do capitalismo tardio é a exclusão do novo. Porém, mesmo com suas proibições e limitações, a indústria cultural fixa, como sua antítese, a arte de vanguarda, que surge com linguagens, sentidos e propósitos próprios (Adorno; Horkheimer, 2002).

A própria concepção dos produtos dentro da indústria cultural é formada politicamente em acordo com as demandas econômicas. A padronização das produções corresponde a padronização ao discurso ideológico, ao mesmo tempo que o público é quantificado apenas como índice estatístico, divididos em categorias de renda, faixa-etária, gênero, sexualidade, etc. Quando Adorno e Horkheimer (2002)

utilizam como exemplo a indústria cinematográfica, estúdios de grande produção, como *Warner Brothers* e *MGM* são tidos como casos nos quais a produção de linha de montagem de um carro pode ser comparado com o processo de produção dos filmes, com as diferenças e inovações entre as mais recentes produções cinematográficas, como os meios técnicos, número de astros, mão-de-obra, figurinos, montagem de cena, fórmulas de roteiro agradáveis e fáceis de serem compreendidas, sendo semelhantes ao número de cilindros ou potência do motor de um automóvel. Assim, os meios de comunicação e de produção de cultura, envoltos sob a redoma conceito de *Indústria Cultural*, neste caso, servem como exemplos do

triumfo do capital investido. [ao] Imprimir com letras de fogo a sua onipotência — a do seu próprio patrão — no âmago de todos os miseráveis em busca de emprego, é o significado de todos os filmes, independentemente do enredo escolhido em cada caso pela direção de produção. O trabalhador, durante seu tempo livre, deve se orientar pela unidade da produção (Adorno; Horkheimer, 2002, p. 8).

A suposta racionalização, a dominação da natureza, tão proclamada pela ideologia burguesa desde o Iluminismo, se mostra em sua contradição como discurso idealista sustentado pela manutenção do irracionalismo. A ideologia disfarçada de sua intencionalidade é a astúcia da burguesia e sua reprodução discursiva na cultura e meios de comunicação. A técnica e sua racionalidade são inseridas no processo de produção dos conteúdos impulsionados pelos mais diferentes meios apenas como forma de manutenção cíclica, ausente de emancipação e possibilidade críticas. Isso pois a indústria cultural se espalhou pelo mundo inteiro, surgindo de início nos países industriais mais liberais, de maneira que os sonhos vinculados à cognição dos indivíduos são um conjunto de ideias correspondentes aos interesses dominantes.

A cultura de massa na modernidade apontada por Horkheimer (2021) será, movida pela tecnicidade cada vez mais aprimorada, responsável por martelar os padrões de comportamento predominantes de maneira monopolista nos olhos, ouvidos e músculos dos trabalhadores durante seu tempo livre, percebe-se a

continuação do trabalho pela ideologia, com o período de diversão mal podendo ser distinguido do trabalho.

Cumpra-se a função máxima da ideologia dentro da leitura do materialismo histórico: tornar universais os interesses da burguesia, apresentá-los enquanto os interesses comuns a todos os membros da sociedade, como se fossem as únicas ideias racionais e legítimas, naturalizadas (Marx; Engels, 2007). E, ao mesmo tempo, nota-se no contexto de Horkheimer, o capitalismo tardio da primeira metade do século XX, uma crise referente a como fica a realidade social e a ideologia se não há mais a promessa de princípios racionais burgueses transcendentais, ou seja, as grandiloquentes promessas da filosofia burguesa são “absorvidas”. Na leitura frankfurtiana, a questão específica da ideologia do século XX é a ausência de um elemento de contradição, porque não faz mais nenhuma aposta na transcendência, em algo que esteja além do realmente existente. Essa é a sutil, porém fundamental, contribuição frankfurtiana ao conceito marxiano-engelsiano de ideologia, derivada da necessária crítica imanente da sociedade a partir de seus processos, fenômenos e novas contradições.

CONSIDERAÇÕES E CONTRADIÇÕES

Com as reflexões aqui alavancadas através das obras de Marx, Engels e Horkheimer, visualiza-se a importância de se pensar criticamente a cultura, a arte e os meios de comunicação como vinculados à uma lógica de divisão social de trabalho, bem como das relações de produção determinadas pelo modo de produção. A base material da sociedade capitalista conecta os conteúdos e a sua materialidade técnica, mas sobretudo na mediação pelo conceito de ideologia.

Ao abordar a obra de Horkheimer, é incontornável destacar as contradições de um pensador que, apesar de nos anos 1930 declarar o estudo da base econômica como condição *sine qua non* para uma descrição adequada da realidade social, acaba ele próprio se afastando de tal teoria econômica. O que para Slater, em “*Origem e significado da Escola de Frankfurt*”, é um dos motivos do abandono da luta de classes na

obra frankfurtiana, resultando em um idealismo fortalecido na obra tardia de Horkheimer. Essa isenção chega ao máximo quando, próximo da morte, Horkheimer chega a argumentar que a Teoria Crítica deveria registrar as mudanças às quais a sociedade está sujeita, mas sem assumir um papel de agitação ativo nessas mudanças, esquecendo sua própria declaração: “A Teoria Crítica sempre teve uma dupla tarefa: especificar o que deve ser mudado e reter certos momentos culturais. Além disso, descreve o processo de mudança a que o nosso mundo está sujeito” (Horkheimer *Apud* Slater, 1978, p. 133).

Essa articulação metateórica e metacrítica não pode ser escolasticamente classificada como mera continuação do pensamento marxiano e engelsiano, o que seria ignorar as múltiplas diferenças, afastamentos e contradições entre esses, como a luta de classes na perspectiva de Horkheimer. A função da Teoria Crítica, enquanto metateoria e metacrítica, consiste em ser uma abordagem interdisciplinar que identifica os problemas levantados pelos principais debates filosóficos e sociológicos acerca de um determinado tema, para em seguida verificar as formas como tais investigações e discussões abordam tais questões.

A Teoria Crítica se apresenta como uma articulação refinada de diversas implementações e noções advindas do marxismo. Como explica Martin Jay (2008), para Horkheimer a relação entre cultura e superestrutura é multidimensional, com os todos os fenômenos da cultura sendo mediados pela totalidade social, e não apenas como meros reflexos de interesses de classe, o que também engloba fenômenos culturais que expressam as contradições do todo, com posturas que negam o *status quo*. Assim, apesar da ideologia se fazer presente, ela não torna a cultura exclusivamente ideológica.

Pensar na materialidade, historicidade, conflitos e contradições dentro da cultura e de seu vínculo com a comunicação possibilita enxergar o atendimento de interesses das classes dominantes (burguesas), além de nos fazer evitar cair na fetichização dos meios de comunicação e de seus produtos, assim não cometemos o

erro de alocar características metafísicas para produções concretizados pela força de trabalho humana. Trazendo esse debate para uma exemplificação contemporânea, a internet se revela um caso de forma de comunicação e acesso à informação e conteúdo que parece “surgir do ar”, porém esconde uma materialidade e uma tecnicidade, com uma implacável exploração do trabalho em seus diversos níveis de desenvolvimento, produção e distribuição/troca.

Possibilidades críticas e contestadoras do *status quo*, assim como de toda totalidade social, surgem dentro da cultura e nos próprios meios de comunicação, uma contradição prevista pelos autores aqui citados, o que reflete as próprias contradições geradas pelo capitalismo e sua luta de classes. Na linha de Marx e Engels, apenas a união dos trabalhadores e a produção crítica de uma consciência de classe são as formas encontradas pelos autores para a emancipação do proletariado de seus grilhões, sejam eles físicos ou espirituais. O que representa momentos contraditórios entre Horkheimer em relação à perspectiva de Marx e Engels sobre a luta de classes e a consciência da classe trabalhadora.

Nos termos de Horkheimer, a teoria deve ser tão próxima da realidade social que possa ser válida até para os grupos contrários à sua transformação, o que isolou a Teoria Crítica da conscientização das massas trabalhadoras. Esse movimento é evidenciado ao considerar um dos objetivos estabelecidos por Horkheimer como o de um não alinhamento com a consciência do proletariado pois, como mencionado anteriormente, não considerava o local de inserção dessa classe no modo de produção como sendo suficiente para garantia de um conhecimento correto acerca da realidade, apesar de experienciar as injustiças em seu cotidiano.

A atualidade e vivacidade da Teoria Crítica e suas perspectivas materialistas histórico-dialéticas aqui esboçadas, com os curtos exemplos citados, exprimem a necessidade de se produzir pesquisas e análises da realidade por esse viés. Com o acréscimo de temáticas, autores e abordagens articulados com uma crítica das

dinâmicas de poder e de troca no todo social, principalmente em fenômenos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Ideologia. In: **Temas básicos de sociologia**. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002, p. 5-44.

BASSANI, J. C. **A teoria crítica de Max Horkheimer**. 98 p., Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Porto Alegre, 2014.

BUCK-MORSS, S. *The Origin Of Negative Dialectics*: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, And The Frankfurt Institute. 1ª ed. New York, NY: The Free Press, 1977.

ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora Ridendo Castigat Mores, 1999.

ENGELS, F. O Fim da Filosofia Clássica Alemã. In: BARATA-MOURA, J.; CHITAS, E.; MELO, F., PINTO, A. **Obras escolhidas em seis tomos - Tomo III**. Moscovo-POR: Editorial Avante, 1982a, p. 378-421.

ENGELS, F. O Papel da Violência na História. In: BARATA-MOURA, J.; CHITAS, E.; MELO, F., PINTO, A. **Obras escolhidas em seis tomos - Tomo III**. Moscovo-POR: Editorial Avante, 1982b, p. 422-477.

ENGELS, F.; KAUTSKY, K. **O Socialismo Jurídico**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In ADORNO, T.; BENJAMIN, W.; HABERMAS, J.; HORKHEIMER, M.. **Os Pensadores**: textos escolhidos. S. ed. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1980a. p. 117-154.

HORKHEIMER, M. Filosofia e Teoria Crítica. In ADORNO, T.; BENJAMIN, W.; HABERMAS, J.; HORKHEIMER, M. **Os Pensadores**: textos escolhidos. S. ed. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1980b. p. 155-161.

HORKHEIMER, M. **As Origens da Filosofia Burguesa da História**. 1ª Ed. Lisboa: Editora Presença, 1984.

HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica**: uma documentação - Tomo 1. Trad. Hilde Cohn. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

HORKHEIMER, M. Sobre a sociologia das relações de classe. **Cadernos de Filosofia Alemã**: Crítica e Modernidade, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 127-164, 2021.

JAY, M. **A Imaginação Dialética**: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

MARX, K; ENGELS, F. **Sobre Literatura e Arte**. 4ª ed. Lisboa-POR: Editorial Estampa, 1974.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. 1ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo. *In*: MARX, K. **O Capital (Livro 1)**: crítica da economia política - O processo de produção do capital. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 204-218.

MERQUIOR, J. G. **O marxismo ocidental**. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 1987.

NETO, S. **O esclarecimento tardio**: razão e barbárie na teoria crítica de Horkheimer. 164 p., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Filosofia, Belo Horizonte, 2003.

NOGARE, P. D. O MARXISMO É UM HUMANISMO?. **Síntese**: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 8, n. 23, 1981. Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2213>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SLATER, P. **Origem e significado da Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1978.

TÜRCKE, C. Horkheimer e as tentações da teoria crítica. **Problemata: R. Intern. Fil.** v. 10. n. 4, p. 166-182, 2019.